



## “COLHENDO ÁGAPE.”

LEONARDO DE OLIVEIRA SCHNEIDER<sup>1\*</sup>

— E aí! Como vai? Me chamo Arthur e tô procurando por um voluntário pra um experimento social. Topa?

— Topo... quero dizer. Depende. O que que vai ser?

— Ah! Não, não. O segredo faz parte do experimento. — Disse de maneira convincente, enquanto, parado feito pedinte, gesticulava sobre uma prancheta estranhamente nova e de bom estado — Só posso dizer que tende a ser pesado, ou enjoativo, até mesmo agradável. Dependendo do ponto de vista, é claro. Só sei que não teria muito resultado se eu te contasse exatamente o que vai acontecer, visto que queremos estudar seu comportamento em relação ao experimento.

— Bem, quer saber? Dane-se, tenho nada melhor pra fazer. Pode ser. Manda bala. Mas não quero muita introdução, não. Vai direto ao ponto. Tô precisando me ocupar mesmo. Bora!

—Tu que sabe. Tem certeza?

— Sim, sim. Sem enrolação, manda ver.

Bom, então tape os olhos e conte até que eu te peça pra parar. Logo começamos. — Falou, após entregar o termo de responsabilidade e colher a assinatura do coitado perdido, agora de maneira mansa, feito quem pretende hipnotizar alguém mesmo sem saber como — Prepare-se para uma experiência sensorial única, que vai depender da tua atividade ou passividade, felicidade ou tristeza, dominação ou submissão, fraqueza ou...

Interrompendo o enunciado típico de vendedor fanfarrão, um estrondo o acordou, como se o tempo houvesse dilatado em fração de segundos — quem já desmaiou entende: primeiro a escuridão, seguido de um som duradouro que do ambiente se mantém circulando aos ouvidos, depois a luz, um estrondo, e, de olhos abertos, a cabeça

cravada no chão. Sorte: havia um tapete. O mesmo barulho teve efeito para que pegasse no sono, mas isso não chegou a perceber. Apressadamente levantado, correu para cada lado da sala, num relance de desespero. Estava bem iluminado, limpo. Quatro paredes, mas nenhuma porta. Pensava se havia sido sequestrado, mas nunca tinha visto sequestro culposo, nem acreditava ao certo que isso seria possível — se achava erroneamente esperto, muito mais do que realmente era. Neste momento, pensou em gritar, pedir socorro, mas de que adiantaria? Estava ali por vontade própria, quis entrar porque pensou estar fazendo algo útil, dando função ao seu momento mais desocupado em uma dessas tardes em que se vaga jocosamente por alguma praça mequetrefe de bairro caído, ocupando-se em experimentar qualquer coisa pelas quais nunca se interessa em dias normais. Certo era, ainda neste momento, que não conseguiria sair tão cedo e sem que lhe dessem uma porta. Onde já se viu um quarto sem porta? “Só poderia ser parte do experimento”, pensou.

Enquanto contornava a sala de quatro paredes, até meio espaçosa, bem detalhada, de boa aparência, passava a se acostumar. Gostava cada vez mais. Até que se apegou. Apegou e não soltou. Era seu quarto, sua sala, sua cozinha. O tempo o havia convencido daquela realidade. Inteiramente dedicado, só lhe existia um objetivo: zelar por seu espaço. Foi aí que tudo começou a mudar...

Após algum tempo, as paredes, cada vez mais sujas, passaram a fechar lentamente. Pelo menos, parecia. Notou, entretanto, que as paredes fechavam à medida que permanecia, ou não, em determinado lugar. O quarto até parecia vivo! Estaria ele o controlando, ou seria o contrário? Ou estaria ele ficando louco ao pensar numa possibilidade tão absurda? Até aqui, não sabia, porém, logo depois confirmou: estava realmente sendo controlado. Perto da parede à esquerda, as três demais se fechavam, mais à direita, nenhuma se movimentava. Começou a testar. Passou algum tempo assim, pulando de um lado pro outro, sem muito método empírico, parecia cada vez menos esperto para si do que antes pensava ser.

Enquanto brincava com as paredes comprimindo-se, não reparou que estava ficando sem espaço, nem mesmo teve tempo para notar que não havia comida ou bebida que matasse sua sede repentina. De relance, lembrou porque estava ali. Suas necessidades não importavam. Pobre tolo, pensou que estava sendo preenchido, mas era só

<sup>1\*</sup> Licenciado em Letras - Português na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: leo.schneider.los@gmail.com

mais um entre muitos preenchendo um espaço entre paredes. Se pensasse antes de aceitar qualquer experimento sem saber, por motivo de ocupar-se, preencher-se de função, não estaria ali. Não estaria sendo sufocado. Talvez tivesse sido feliz estando só, em qualquer ambiente, livre de paredes. Só, mas não! Pretendeu tanto que acabou nisso.

Certo era que, nem janela, nem porta, só lhe restavam os próprios pensamentos e devaneios. Não tinha o que achar de si e em si, não tinha como ir contra o quarto. Já percebia: suas vontades e intenções não importavam, era certo. Não havia mais distinção entre paredes: a da direita era agora muito próxima à da esquerda e vice-versa. Se ficasse perto de uma, estaria também perto de sua oposta, não haveria melhor lugar para se pisar em muito tempo a partir deste. Assim, só contava com o passar do relógio para que, por algum milagre, surgisse uma abertura ou que as paredes finalmente cessassem o que estavam terrivelmente o fazendo. Infelizmente, o experimento era brutalmente empírico.

*Quão fácil é romantizar sua própria prisão!*